



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA JUCINEIDE DE FARIAS FIGUEIREDO

AS FACES DA LÍRICA CAMONIANA

GUARABIRA-PB

2011

MARIA JUCINEIDE DE FARIAS FIGUEIREDO

AS FACES DA LÍRICA CAMONIANA

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência do grau de licenciado em Letras (Habilitação II – Língua Portuguesa e Língua Inglesa).

Orientador (a): Prof. MS. José Haroldo Nazaré Queiroga

GUARABIRA – PB

2011

F475f

Figueiredo, Maria Jucineide de Farias

As faces da lírica camoniana / Maria Jucineide de Farias
Figueiredo. – Guarabira: UEPB, 2011.

15f.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) –
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga”.

1. Poesia - Camões 2. Lirismo 3. Renascimento
I. Título.

22.ed. 808.1

AS FACES DA LÍRICA CAMONIANA

Aprovada em 20/12/2011.

José Haroldo Nazari Queiroga - CPF-086986654-04

Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga

Orientador

Wanilda Lima Vidal de Lacerda - CPF 025071614-34

Prof.ª Dr.ª Wanilda de Lima Vidal Lacerda

Examinador (a)

Marilene Carlos do Vale Melo

Prof.ª Dr.ª Marilene Carlos do Vale Melo - CPF: 070852904-63

Examinador (a)

GUARABIRA – PB

2011

AS FACES DA LÍRICA CAMONIANA

RESUMO

Este texto foi escrito numa perspectiva de estudo da poesia lírica camoniana, e sua importância para as literaturas de língua portuguesa. Para a sua construção, foram realizadas pesquisas sobre o Renascimento; um breve estudo biográfico de Luiz Vaz de Camões, um dos mais importantes renascentistas portugueses. Sua produção lírica gira em torno de uma temática constante no cotidiano das pessoas, o que ainda é observado nos nossos dias. A poesia tradicional, o desconcerto do mundo, o neoplatonismo e o amor. A temática lírica é o que consiste o nosso objeto de estudo, tratando do amor carnal e espiritual ao mesmo tempo, visto que Camões leu os clássicos gregos, os quais lhe serviram de inspiração para as suas obras líricas, principalmente os ideais platônicos que falam de dois mundos o “sensível” e o “inteligível”. Fizemos a análise de três sonetos camonianos são eles: “Amor é um fogo que arde sem se ver”, “Alma minha gentil que te partiste” e “Eu cantarei de amor tão docemente”, os quais retratam um amor idealizado, mas que também faz o uso da razão, expressando assim que este sentimento só pode ser alcançado através da vivência. A poesia de Camões traz um lirismo perfeito, cantando o amor.

PALAVRAS-CHAVE: Renascimento, Poesia, Camões, Lirismo.

1-INTRODUÇÃO

O escopo principal da análise da poesia lírica camoniana, nos veio através de um dos temas trabalhados por Camões: o “Amor”. Muito utilizado por Luiz Vaz de Camões. O estudo surgiu a partir das aulas de Literatura Portuguesa, lecionadas pelo Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga, despertando, mais intensamente, o interesse pelas obras camonianas e principalmente, pelo tema lírico, através da beleza de sua composição. Ao estudarmos a poesia camoniana, despertamos para a importância que tem para a literatura portuguesa e conseqüentemente, para a literatura brasileira.

Para dar maior sustentação á pesquisa entendemos por bem, fazer uma apresentação do contexto histórico renascentista. Em seguida, faremos uma abordagem sobre á lírica camoniana; a etimologia do termo lirismo, e sua aplicação na função poética, tão bem quanto os temas abordados: A poesia tradicional, O desconcerto do mundo, o Neoplatonismo e o Amor compõe todo o pano de fundo da poetica camoniana.

A nossa pesquisa prioriza o tema do amor. Dentre a vasta produção lírica camoniana fizemos uma escolha de três sonetos tais: “O amor é um fogo que arde sem se ver”, “Alma minha gentil que te partiste” e “Eu cantarei de amor tão docemente”. Fizemos a análise destes sonetos mostrando a dualidade e os paradoxos encontrados nos sonetos escritos pelo autor em questão e a forma e

sutileza que ele utilizava para retratar um sentimento tão esplendoroso quanto este, o “Amor”.

2-CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: CAMÕES DO CLASSICISMO AO RENASCIMENTO

2.1 CAMÕES CLÁSSICO – RENASCENTISTA

O Classicismo surgiu na Grécia e retornou (renasceu) na Europa, a partir de uma enorme transformação política, econômica e cultural desencadeada no século XIV, a qual teve seu ápice nos séculos XV e XVI, momento este que foi chamado de Classicismo ou “quincentismo”, já que se manifestou-se em 1527, logo após o poeta Sá de Miranda ter voltado da Itália trazendo influências desse novo estilo, estes acontecimentos foram o marco inicial dos tempos modernos. Foi em meio a todas essas mudanças que o homem deixou de ser dominado pelos valores medievais, pelo teocentrismo e passou a abrir espaço para o antropocentrismo, ou seja, foi nessa época que o homem se afastou um pouco do mundo onde Deus é o centro de tudo, e ele passou a ser o centro dos estudos. É a partir deste momento que o homem começou a perceber sua capacidade realizadora: de criar, conquistar, inventar e fazer inúmeras coisas, todo este espírito antropocêntrico e Humanista havia sido esquecido na Idade Média, ainda que já estivesse existido na Antiguidade Clássica, como se pode citar o exemplo da civilização grega, a qual foi o berço do Classicismo. Dentro deste movimento, a partir do Humanismo, mais precisamente no início do século XVI, surge o Renascimento do antropocentrismo. Com o Renascimento as obras passam a perder todo o primitivismo e a candura das obras medievais e ganham um aperfeiçoamento igual ou até superior às obras da Antiguidade.

Camões segue os preceitos de Platão. Camões considera-se pendente no plano humano, pois o mundo “sensível” passa a ser esmagado pelas memórias do mundo “inteligível”, assim como nos ideais platônicos, ou seja, as coisas desse mundo são apenas lembranças ou sombras, quando Luiz Vaz de Camões surge com tais ideias, estava transitando da poesia tradicional para a clássica. Ele é produto dessa poesia nova, deste modo ele já vislumbrava tais ideais, uma vez que seriam um meio de alcançar respostas às suas interrogações de homem intelectual e ultrasensível, a sua poesia passa a ser a confissão duma vida atribulada

interiormente, repleta de disparates e incertezas, não apenas por suas vivências pessoais, mas ao mesmo tempo pela percepção dum desconcerto universal no qual os seres humanos estavam imersos. A partir de todos esses pensamentos Camões passa a sondar o nebuloso mundo do “eu”, da mulher, da Pátria e de Deus.

Assim ele apresenta um amor racionalizado onde fragmenta a dor, não apenas a dor cósmica, mas há o sofrimento individual do autor e por consequência faz ecoar o sofrimento universal, fragmentando o próprio “eu” com o intuito de erguer um “eu” composto da soma de todos os “eus” alheios impressos na inteligência e sensibilidade. Ele adota a concepção racionalista de Platão como se observa no fragmento a seguir, segundo afirma MOISÈS (2008).

(...) ama a mulher não por ela mas por encontrar nela refletido o sentimento do Amor em grau absoluto; amor do Amor, e não do ser que o inspirou. Amor portanto, mais pensado que sentido, ou, ao menos, submetido ao crivo da Razão. (p. 75).

Notamos através da citação a forte influência que Platão exerceu sobre as poesias de Camões, primordialmente no que diz respeito à Beleza e ao Amor, pois Camões comunga dos mesmos ideais platônicos, que o amor não pode ser apenas cantado. No entanto precisa-se racionalizar o sentimento e para que isso aconteça tem-se que vivê-lo.

O Renascimento está inserido no Classicismo, assim fica difícil de desassociar um de outro. O segundo é constituído através da arte inspirada na imitação dos clássicos gregos e latinos, tais clássicos eram considerados modelos da perfeição estética, enquanto o Renascimento eram todas essas ideias novas que surgiam e buscavam a idealização do homem através do antropocentrismo.

Luiz Vaz de Camões poeta lírico, épico e dramaturgo, é tido como um dos poetas portugueses mais importantes de sua época. Há inúmeras dúvidas envolvendo a sua biografia. Sabe-se de alguns fatos de sua vida através de confissões que ele deixou registradas em cartas e testemunhos de contemporâneos. Essas informações são poucas e vagas, pois, as primeiras investigações biográficas sobre o poeta só veio a ocorrer 50 anos após a sua morte. Luíz Vaz de Camões, possivelmente nascido em 1524 (ou 1525), pois não existe nenhum documento que comprove a data. Alguns estudiosos dizem que ele é natural de Lisboa, mas outros falam em Coimbra não há documentos que comprovem a veracidade dos fatos. Filho

de Simão Vaz de Camões e D. Ana de Sá e Macedo. Foi educado em Coimbra, onde se acredita que tenha começado a ler Petrarca e outros poetas. Coimbra foi o lugar onde teria escrito os seus primeiros versos. Foi onde ele criou as bases de uma sólida cultura e o conhecimento profundo da língua portuguesa. Mas, também, vivenciou muitas experiências e dissabores através de suas expedições militares, que principiou na África durante a conquista de Ceuta. E em seguida, viajou com destino as Índias, chegando, primeiramente em Goa, em seguida passou por vários países; dentre esses esteve por um período em Moçambique e, em 1569 estudiosos dizem que ele estava passando por necessidades e vivendo à custa de amigos. Através dessas viagens, ele perdeu um dos olhos durante a conquista de Ceuta, em um naufrágio na Indochina, perdeu sua companheira, a chinesa que se chamava Dinamene. Em 1570, volta à terra natal, e vive pobremente, recebendo uma mísera pensão do rei D. Sebastião até sua morte em 10 de junho de 1580, em Coimbra foi enterrado como indigente, em vala comum.

3- A LÍRICA CAMONIANA

A palavra lírica originou-se do grego (lyra) e do latim (lira), a “Lira” é o instrumento musical que acompanhava a recitação dos poemas líricos. Antigamente, se classificava como lírica apenas a poesia que fosse acompanhada de música e que seguisse o padrão do soneto, das baladas ou de outras formas líricas. Mas, atualmente, este modelo grego já não serve mais e passou a ser considerado lírico produções que apresentem um teor altamente emocional. A poesia lírica é aquela na qual o “eu” flagela-se na tentativa de expor ao mundo suas dores individuais, de uma maneira que consegue despertar no leitor e fazê-lo identificar-se e emocionar-se com os temas.

A poesia lírica camoniana apresenta-se marcada por uma dualidade; a qual é marcada pelos textos de herança nitida da poesia tradicional portuguesa e pelas poesias perfeitamente enquadradas no novo estilo do Renascimento. No entanto, não se pode afirmar que Camões tenha conseguido isolar suas influências, ao contrário, tais influências aparecem fundidas. Daí se resulta em uma obra típica do século XVI. É dessa forma que se observa a vasta composição lírica de Luís Vaz de Camões, na qual aborda o amor, fazendo o uso de ideias platônicas, onde perpassam os novos elementos neoplatônicos quinhentistas.

Observa-se nos poemas dele a ideia essencial da filosofia platônica que é justamente que o amor conduz, elevando a amante à Beleza Absoluta. Este mesmo tem, visto em Platão e que encontramos abundantemente na poesia lírica de Camões é o objeto central de nosso trabalho acadêmico, tendo em vista toda a sua significância. Da lírica camoniana este é um dos temas mais ricos, visto de duas formas, como ideia (neoplatonismo) e o amor como manifestação carnal. No amor como ideia ou espiritualidade, é o que conduz a uma idealização da mulher. Nota-se, também, que o amor surge á maneira de Petrarca e como extensão de Dante Alighieri, a mulher amada é ininterruptamente retratada de forma ideal. Desta forma o poeta recorre a uma inabalável adjetivação, descrevendo assim um ser superior, angelical, perfeito. Mas, por outro lado, devido à vida atribulada do poeta e suas experiências concretas, ou seja, do mundo sensível, o que o conduz a cantar não mais um amor espiritualizado, mas um amor terreno, carnal e até mesmo erótico. Desta maneira faz-se impossível sintetizar esses dois amores, o que leva a poesia lírica camoniana, algumas vezes, a uma contradição que é manifestada no uso abusivo de paradoxos.

4- CAMÕES CANTA O AMOR

A partir de então, vamos focar nosso estudo sobre os sonetos camonianos.

Etimologicamente, a palavra “soneto” surgiu do provençal “sonet”, que seria o diminutivo de “son”, o que significa o consórcio original com a música, desta forma é composto de dois quartetos e dois tercetos, geralmente decassílabos e com variável disposição das rimas. O primeiro grande poeta compositor de sonetos foi Dante, e seguido por Petrarca que foi quem trouxe todo um conteúdo lírico. Vejamos a citação sobre o surgimento dos sonetos em Portugal e, por MOISÈS (1989) :

Em Portugal, o soneto entrou pela mão de Sá de Miranda, após o regresso de sua viagem a Itália em 1527. No seu tempo, não poucos poetas o cultivaram, dentre os quais Camões, sem dúvida o maior sonetista em vernáculo de todos os tempos, (p.275).

Iniciamos a análise dos poemas líricos camonianos, e como inicialmente já foi mencionado à lírica escrita por Camões é multifacetada, ou seja, é formada de vários temas e dentre esses nos aprofundamos no amor, dando ênfase a este sentimento que ele expressa tão bem em sua obra lírica. Ele escreveu

maravilhosamente sobre este tema mostrando as faces do amor de uma maneira que nenhum outro havia feito até então. A partir destes sonetos mencionados anteriormente analisamos de que formas de amor ele fala, se é do amor simples e natural ou do amor sensual. Mostraremos com que intensidade ele retrata este sentimento que muitas vezes não conseguimos distingui-lo. Veremos que mesmo Camões com tanta sabedoria e eloquência ainda nos deixará em dúvida com relação a este sentimento tão bonito, pois por se tratar de um sentimento tão íntimo e tão sublime, é difícil descrevê-lo com apenas algumas palavras.

4.1 ANÁLISES:

4.1.1 “AMOR É UM FOGO QUE ARDE SEM SE VER”

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(CAMÕES, in ABDALA, 1993, p. 54,55)

Iniciamos com um dos sonetos camonianos mais conhecidos, o qual é pleno de significados e deixa todas as pessoas sensíveis, que o ler cheias de inspiração e com a vontade de sentir e vivenciar este sentimento, o qual o autor consegue descrever de uma forma poética que chega a nos motivar a descoberta deste amor. E de indagar se é real tudo o que ele consegue transmitir através de poucas palavras, este soneto conseguiu inspirar tantos outros escritores que vieram depois dele, e ainda continua a inspirar como é o caso do cantor e compositor Renato Russo da banda Legião Urbana, que canta “Monte Castelo” uma linda música, que traz recortes do soneto em questão, como podemos ver a seguir:

O amor é o fogo
Que arde sem se ver
É ferida que dói
E não se sente
É um contentamento
Descontente
É dor que desatina sem doer
(RENATO RUSSO;1989)

Como podemos ver, a música¹ nos traz partes do soneto aqui mencionado, e também traz recortes do livro bíblico do novo testamento, Coríntios, capítulo 13, vejamos o trecho a seguir:

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua do anjos
Sem amor, eu nada seria...
(RENATO RUSSO;1989)

Através dos fragmentos acima podemos ver que se trata de uma intertextualidade feita por Renato Russo de Camões com a Bíblia, desta forma percebe-se a importância da obra e como ela consegue está presente atualmente em nosso meio. No livro bíblico fala de um amor concreto, absoluto capaz de superar qualquer situação, Renato Russo através desta composição consegue unificar as duas linhas de pensamento em uma única melodia, ou seja, a unificação de um amor divino a um amor humano, o mais interessante é que, seja em qualquer um dos dois o tema principal é este sentimento verdadeiro. Assim podemos ver toda a perfeição deste soneto que nos fala de tanta beleza em tão poucas palavras.

No poema observa-se que o objetivo primordial de Camões é nos mostrar o que é realmente o sentimento do amor, mas desde o início do poema vão surgindo paradoxos, podemos ver desde os dois primeiros versos, “Amor é fogo que arde sem se ver; É ferida que dói e não se sente;” (CAMÕES) quando o autor menciona que o amor é fogo que arde e não se pode ver, já inicia o poema trazendo essa dualidade. Como é possível que um fogo esteja ardendo e não se possa ver, e em seguida fala de uma ferida que dói mais não se sente desta maneira ele vai fazendo todo um jogo de paradoxos e metáforas que trazem poeticidade para o poema, que

¹Para ouvir a música “Monte Castelo” acesse o link:

<http://www.kboing.com.br/script/radioonline/radio/player.php?musica=100059&op=1>

A música “Monte Castelo”, composta por Renato Russo, foi originalmente gravada no LP “As Quatro Estações”, lançado em 1989, pela EMI-Odeon.

aos poucos vai nos revelando o verdadeiro sentido do poema. Mas este jogo de palavras continua durante todo o desenrolar do poema, como se pode ver, na segunda estrofe em todos os versos, aparece essa contrariedade para enfatizarmos o que estamos falando, veremos estes dois versos: “É nunca contentar-se de contente; É cuidar que se ganha em se perder;” (CAMÕES), como se pode observar mais uma vez o autor faz uso dos paradoxos de um ponto de vista poético para embelezar o poema trazendo consigo uma melodia e também para expressar as incertezas do amor. Para cada afirmação do autor, há uma contradição no mesmo verso, ele faz esse jogo de palavras com a principal finalidade de nos mostrar que o amor não pode ser definido tão facilmente, pois o próprio é cheio de contrariedades, no decorrer do soneto ele vai tentando explicar o que é o amor. Mas observem que no último terceto surge à indagação, “Se tão contrário a si é o mesmo Amor?” (CAMÕES). Através dessa pergunta, o poema nos passa a ideia que o amor é contrário a ele próprio, uma vez que sua definição não é totalmente alcançada no decorrer do poema e que esse sentimento pode variar de pessoa para pessoa através das experiências de cada indivíduo.

Foi observado, também, que da mesma forma que o autor deu início ao soneto com a palavra “Amor” com letra maiúscula ele também termina com “Amor” escrito de mesma forma e acrescido de interrogação. Segundo ABDALA (1993) isso nos mostra que o amor não pode ser definido, mas apenas registrado na somatória de suas contradições. É nítido também que o poema não faz referência a nenhuma pessoa amada, assim nos deixando a ideia de que o amor deve ser experimentado, pois entendemos que o autor tem o intuito de expressar que o amor não pode ser definido, mas sim vivenciado e racionalizado. Fica claro aqui que o eu lírico está a falar de um amor natural e, ao mesmo tempo, racional e cheio de contradições.

4.2 “ALMA MINHA GENTIL, QUE TE PARTISTE”

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te

Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

(CAMÕES, in ABDALA, 1993, p. 55)

Analizamos esse outro soneto de beleza igualável ao que acabamos de ver. Esse tem como tema principal, também, o amor assim como o anterior. Mas com um enfoque mais dramático, pois retrata uma história vivenciada pelo autor, que é a perda de sua companheira, a chinesa Dinamene, em um naufrágio na Indochina. Esse poema tem um diferencial do outro, pois faz referência à pessoa amada, como o próprio título já nos revela, nos mostra também que o eu lírico se encontra triste. Pode-se, aqui, fazer referência ao soneto anterior no que diz respeito às experiências vivenciadas, pois aqui a amada é denominada diferentemente do outro, e, neste soneto, o eu poético mostra claramente toda a dor da perda, motivo este que está lhe fazendo infeliz. Podemos ver claramente neste verso: “E viva eu cá na terra sempre triste.” (CAMÕES. Onde Camões expressa o sofrimento que está vivenciando pela perda de sua amada. Mas, ao mesmo tempo, podemos ver que ele faz o uso da razão. Vejamos o fragmento: “Repousa lá no Céu eternamente” (CAMÕES), Aqui se mostra que ele está consciente da morte de sua amada, Dinamene, e sofre com isto que foi o que vimos no verso anterior. Mas mesmo em meio a dor, ele consegue falar de um amor real que se passou e que continua a arder em seu íntimo fazendo o uso da razão, pois sabe que a morte é irremediável.

Camões chama de “Alma minha gentil” a sua amada Dinamene, é nítido o enfoque que ele dá a todo esse momento de dor e angústia pela perda da pessoa amada. Já no terceiro verso do segundo quarteto ele menciona que o amor que tiveram foi deveras intenso, “Não te esqueças daquele amor ardente Que já nos olhos meus tão puro viste” (CAMÕES). E faz um pedido a alma de sua amada companheira que ela não se esqueça do amor que tiveram, pois enquanto vivia ela pode ver todo este sentimento em seus olhos, já neste verso: “Da mágoa, sem remédio, de perder-te,” (CAMÕES). Observamos o quanto ele enfatiza o momento de dor que está vivenciado em perdê-la, afirmando que não há remédio que possa curar a mágoa que ele está passando. Aqui podemos fazer uma ligação

ao soneto anterior, visto que naquele ele mostra-nos que o amor é preciso ser vivenciado, e neste, este sentimento realmente é vivenciado muito intensamente, podemos afirmar isto, pois é visto que o amor vai além da morte, uma vez que, mesmo com a morte de sua companheira, ela continua a ser sua fonte de inspiração. Através deste poema podemos também ver que o poeta nos mostra novamente o quão forte é este sentimento.

Subentende-se do último terceto, todo o desespero e dor pelo qual o eu lírico está passando, e em meio a essa angústia ele faz um pedido a sua amada que já não vive mais no plano carnal, aqui ele enfatiza que Deus a levou muito cedo com a repetição da palavra cedo nos seguintes fragmentos: “que tão cedo” e “quão cedo”, e que assim como Deus encurtou seus anos, e distanciou o amor vivenciando por eles, que ela rogue a Ele que encurte os seus também, pois viver sem a sua amada já não tem sentido. Fica exposto aqui, que o eu lírico ao ver-se desesperado com a situação, pede até a morte, mas é notório também que ele não se dirige diretamente a Deus para pedir que seus anos encurtem, podemos ver esta diferença da poesia romancista para a renascentista, pois nessa o eu lírico não busca a morte como refugio como na outra. Neste soneto, podemos ver que o poeta está a tratar do amor sensual, do amor vivido entre um casal, expondo isso, claramente, ao deixar transparecer sua dor.

4.3 “EU CANTAREI DE AMOR TÃO DOCEMENTE”

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dois mil acidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-ei dizendo a menor parte.

Porém, pera cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa
Aqui falta saber, engenho e arte.

(CAMÕES, in ABDALA, 1993, p. 54)

Para concluirmos nossa análise veremos este outro soneto, que já no próprio título pode-se sentir a intensidade com a qual Camões expressa este sentimento que é o foco principal da análise aqui exposta. O poeta ao escrever este soneto passa-nos a intenção de cantar um amor extraordinariamente harmônico que seja capaz de sensibilizar a todos os leitores, até mesmo aqueles que não sentem dentro do seu “coração”, tão magnífico sentimento que se chama amor. Podemos observar toda esta harmonia no primeiro quarteto, que nos revela o poeta retratando um amor tão perfeito que como ele menciona no segundo verso que irá cantar através de termos “concertados”, ou seja, o mesmo que harmoniosos assim sendo como podemos ver no quarto verso, “Faça sentir ao peito que não sente.” (CAMÕES). Podemos notar que o objetivo do poeta ao escrever este maravilhoso soneto é despertar este sentimento que será cantado como o mesmo diz, “tão docemente”, até mesmo naquelas pessoas que nunca sentiram tão magnífico sentimento. Analisando o segundo quarteto, veremos toda a idealização que o autor faz a nobreza deste sentimento e o desejo de fazer com que todos vivenciem o mesmo, pois como já foi mencionado anteriormente, este é um dos objetivos primordiais de sua composição lírica.

Percebemos, também, que assim como o primeiro e o segundo verso demonstra um desejo de fazer com que as pessoas vivam um amor real, fala também dos delicados segredos que só quem conhece o amor é quem sabe os mistérios dele. Já o terceiro e o quarto verso demonstram que apesar de pequenas desavenças amorosas, depois vem sempre às conciliações e os suspiros de arrependimentos, e que este sentimento é audacioso e causa saudade, “Temerosa ousadia e pena ausente.” (CAMÕES). Com este verso podemos afirmar o que estamos falando.

Observando o primeiro e o segundo verso do primeiro terceto: “Também, Senhora, do desprezo honesto”, “de nossa vista branda e rigorosa” (CAMÕES). O autor nos revela que o amor cantado neste soneto, é dirigido a uma “Senhora” de grande elevação, conforme os padrões renascentistas. Já fazendo a Análise atentamente do último verso do segundo terceto: “aqui, falta saber engenho e arte” (CAMÕES). Percebemos que neste fica nítido que falta ao autor sabedoria, engenhosidade e muita criatividade para cantar um amor tão elevado, mostrando,

assim que o eu lírico se julga incapaz de conhecer todos os segredos e a arte deste sentimento tão enaltecido pelo mesmo, percebemos que tanto neste soneto quanto no “Amor é um fogo que arde sem se ver”, o poeta mostra-se sem palavras para denominar o verdadeiro sentido do amor.

5-CONCLUSÃO

Todo o processo de pesquisa para a realização deste trabalho, desde a minuciosa pesquisa, realização das análises e conclusão, foi de grande valia, uma vez que ao decorrer deste estudo foi possível conhecer a poesia lírica camoniana assim como a vida de Luiz Vaz de Camões, dando ênfase ao tema do amor em sua poesia lírica. Desta forma, divulgar a sua lírica e fazer uma análise crítica do conteúdo de sua composição lírica. Também pudemos perceber que apesar de cantar o amor tão bem, o autor apresenta muitas incertezas sobre o tema, ao nos mostrar que tal sentimento deve ser vivenciado e não apenas escrito e cantado em versos.

Em síntese, a poesia camoniana é riquíssima tanto nas formas como foram escritas, no estilo renascentista herdado dos clássicos e na temática abordada, em comum acordo com os pensamentos de MOISÉS (2008), conforme nos referimos anteriormente no item quatro (Camões canta o amor), chegamos à conclusão que nenhum outro autor de sua época até os dias atuais, tenha realizado um trabalho de tão grande profundidade, expressando as formas do amor de maneira sutil, sublime: os sonetos camonianos na poesia lírica de todos os tempos.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Benjamin Junior. Camões Épica e Lírica - Coleção Margens do Texto, São Paulo : Scipione, 1993.

ABDALA, Benjamin Junior; PACHOALIN, Maria Aparecida. História Social da Literatura Portuguesa, São Paulo: Àtica, 1994.

BÍBLIA. Coríntios. Português. A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento. Tradução de José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 1990. p. 1474.

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária – Poesia*, 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*, 36ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

NEVES, João Alves; TUFANO, Douglas. *Luís de Camões- Lírica, Épica, Teatro, Cartas*, 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1980.

TELES, Gilberto Mendonça, *Camões e a poesia brasileira*. 2ª Ed. São Paulo, Quíron; Brasília, INL, 1976.

<http://letras.terra.com.br/legiao-urbana/22490/>(acessado em: 04/11/11).

<http://www.slideshare.net/sebentadigital/comes-lrico-vida-obra> (acessado em: 06/09/11).

<http://www.slideshare.net/profteresa/renascimento-humanismo-e-classicismo> (acessado em: 06/09/11).